

1

Introdução

Na presente pesquisa de mestrado buscamos investigar uma forma particular de articulação entre juventude e política no contexto contemporâneo brasileiro, partindo de experiências no campo da educação popular através dos cursos pré-vestibulares comunitários. O surgimento destas iniciativas no Rio de Janeiro ocorreu no final da década de 1980, em uma conjuntura de intensas mobilizações pela reabertura política do país e por transformações sociais que culminaram na construção da constituição de 1988. Na década seguinte, a expansão e a organização de novos cursos passou a caracterizar os pré-vestibulares comunitários enquanto um movimento social inovador, representando um importante vetor de tensionamento de nosso sistema educacional (SANTOS, 2005). Originados no interior de lutas populares pela garantia de direitos e o exercício da cidadania, incluindo a democratização do acesso ao ensino superior no Brasil, os pré-vestibulares comunitários vêm realizando o que alguns autores denominam de uma “revolução silenciosa” (DAUSTER, 2004). Segundo essa perspectiva, estes cursos impulsionaram o ingresso e a ação política de jovens das classes populares nas universidades, democratizando espaços até então apropriados quase que exclusivamente pelos setores médios e altos de nossa sociedade.

Uma breve trajetória pelo movimento de pré-vestibulares comunitários, assim como a realização de uma pesquisa-intervenção (Kastrup, 2008; Jobim e Souza; Salgado 2008) na Associação Mangureira Vestibulares – AMV – são o mote para interrogarmos os processos de *subjetivação política* (CASTRO, 2008) que tem lugar nestes espaços. Em meio aos confrontos estabelecidos entre diferentes grupos sociais em busca do reconhecimento simbólico ou da redistribuição econômica, a *subjetivação política* é percebida enquanto produção no campo das práticas discursivas, responsável pela construção do pertencimento à coletividade e a responsabilização pela vida em comum.

Diante da exclusão de boa parte da população brasileira ao acesso aos direitos fundamentais, podemos considerar como parte do processo de construção da *subjetividade política* as experiências de adesão a espaços de disputa em torno dos problemas encontrados na sociedade em geral, levando os envolvidos

consequentemente a assumir ações coletivas em prol da igualdade, da justiça e da emancipação. O momento presente abre novas fronteiras de politização nos espaços da cidade e os pré-vestibulares comunitários trazem importantes contribuições neste processo, colocando uma série de questões a respeito do ensino superior em nosso país.

A escolha por realizar uma pesquisa nestes cursos encontra ressonância em algumas discussões presentes na dissertação de mestrado de Barcellos (2007), “Jovens de Pré-Vestibulares Comunitários na Puc-Rio: Experiências e Táticas no Convívio com a Alteridade”¹. Em sua pesquisa de campo, Barcellos realizou uma investigação sobre os modos de circulação dos jovens bolsistas no espaço acadêmico, destacando as *táticas* (CERTEAU, 1980) – coletivas e individuais – desenvolvidas para o enfrentamento de obstáculos no cotidiano deste ambiente. A autora privilegiou os estudantes oriundos de cursos pré-vestibulares comunitários, justificando sua escolha pelo entendimento de que a passagem por alguns desses projetos promoveriam mudanças no modo de seus alunos compreenderem o campo social, podendo, assim, ser considerada como uma trajetória relevante na construção de um posicionamento diferenciado dentro da universidade:

o modo de atuação de alguns dos cursos pré-vestibulares comunitários, definitivamente, seria o elo propulsor de maneiras singulares de ação e experimentação de ‘ser estudante/bolsista de Graduação da PUC-Rio, sendo ainda mais um vetor, o dos mais fundamentais, na rede mais ampla de forças que permeia essa experiência. Isso se torna ainda mais nítido quando funcionários da Pastoral trazem em seus discursos o reconhecimento de que determinadas posturas dos jovens que lá frequentam estão diretamente atravessadas pelas orientações e filosofias destes movimentos populares. (BARCELLOS, 2007, p. 47)

Em seu percurso pelo campo de pesquisa, a autora se deparou com jovens que faziam diferentes “usos” do espaço universitário, delineando *cartografias*² a partir de suas trajetórias e negociações com os demais atores do ambiente acadêmico, o qual nem sempre se mostrou receptivo. De fato, em diversas situações parecia haver a impressão por parte dos jovens bolsistas de estar adentrando um território estrangeiro, planejado para receber outro tipo de público

¹Barcellos. L. F. Jovens de Pré-vestibulares Comunitários na PUC-Rio: Experiências e Táticas no Convívio com a Alteridade Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

² Esse conceito será aprofundado em um dos capítulos dedicado a metodologia.

e por vezes distante de suas referências de origem. Esse cenário gerava condições propícias para o desenvolvimento de determinadas *táticas*, representando formas criativas de uso e apropriações do que era estabelecido pelo contexto universitário para superar algumas adversidades.

O que ai se chama sabedoria, define-se como *trampolinagem*, palavra que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim, e como *trapaçaria*, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais. Mil maneiras de jogar / desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que “fazer com”. Nesses estratagemas de combates existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor. (CERTEAU, 1980, P. 79)

Barcellos relata que alguns jovens desenvolveram verdadeiras redes de apoio, usando o campus universitário como um espaço de militância e afirmando um lugar social através da “fabricação” da identidade de aluno bolsista. Por outro lado, outros pareceram optar pela “invisibilidade”, desenvolvendo uma circulação “silenciosa” dentro do campus. Em alguns casos, isso significava uma medida de auto-proteção para se misturar de modo homogêneo ao corpo de alunos mais amplo, buscando inclusive se afastar dos elementos que pudessem evidenciar sua origem social. Podemos pensar todas essas maneiras de transitar sob o prisma das *táticas*, onde se opera um trabalho criativo de apropriação do que lhes é imposto pela universidade, entendendo que os múltiplos desvios se valem de “fendas” diferenciadas (CERTEAU, 1980). Entretanto, foram os relatos das posturas de engajamento e participação política ao longo do diário de campo da pesquisadora que deixaram pelo caminho algumas importantes perguntas a serem perseguidas.

A constatação daquele panorama, composto de diferentes formas de circulação por parte dos ex-alunos de pré-vestibulares comunitários no espaço acadêmico, levantava algumas questões. Qual seria o papel desempenhado por essas instituições nos modos de agir de seus educandos, ou seja, de que maneira a passagem por aqueles espaços produziria determinadas formas de ser e atuar no mundo? As perguntas geradas pela leitura daquele trabalho, juntamente com meu ingresso no Invest³ enquanto voluntário da equipe de psicologia, abriram

³ Pré-vestibular comunitário situado em Botafogo, nas dependências do colégio Santo Inácio, onde atuei de 2008 até 2010 junto à equipe de Psicologia. Nosso trabalho girava em torno da orientação

caminhos para se interrogar essas instituições enquanto espaços de produção de subjetividade.

Partindo de uma perspectiva epistemológica que compreende a subjetividade humana como um efeito de agenciamentos coletivos de enunciação (GUATTARI & ROLNIK, 1992, 2007; MIRANDA, 1996, 2000, 2002; MIRANDA; SALGADO, 2009), ou seja, “fabricada” por meio de atravessamentos historicamente situados no campo da linguagem, tornou-se uma questão interessante pensar sobre os modos de subjetivação em curso no contexto dos pré-vestibulares comunitários, assim como em suas consequências nas práticas cotidianas. Essa abordagem traz um olhar sobre o humano fora de uma dimensão transcendental, essencializada, onde a subjetividade se restringiria a uma dimensão de interioridade. Dentre seus pressupostos há uma defesa de que vários vetores – culturais, econômicos e políticos – concorrem no que diz respeito à formação da subjetividade, que se caracteriza pela processualidade, encontrando-se em permanente transformação. Entretanto, Félix Guattari aponta para a existência de forças hegemônicas na condução dos atuais processos de subjetivação, que amparados pelos meios de comunicação de massa, normatizam condutas e formas de existir através da produção do que o autor denominou de *subjetividade capitalística*⁴. O *Capitalismo Mundial Integrado*⁵ haveria alcançado o conjunto do planeta, colonizando as formas de vida humana por meio de uma cultura com vocação universal, responsável pela produção de indivíduos normalizados, submetidos a hierarquias e sistemas de valores. A produção de subjetividades nesses moldes, articulada a metáfora da fábrica com suas linhas de montagem, seria condição de toda e qualquer produção, ou seja, condição de

profissional e do acompanhamento dos alunos. No segundo capítulo, algumas situações serão apresentadas para aprofundar a reflexão e justificar a chegada à Associação Mangueira Vestibulares como campo de pesquisa para o mestrado.

⁴ Guattari acrescenta o sufixo “ístico” à palavra capitalista, pois no contexto geopolítico da década de 80, defendia que os países do bloco socialista e os chamados países do “Terceiro Mundo” eram atravessados pelo mesmo modo de produção de subjetividade das sociedades classificadas como capitalistas.

⁵ Termo cunhado por Guattari em contraposição a idéia de globalização, que segundo ele seria demasiadamente vaga, escamoteando o sentido fundamentalmente econômico do fenômeno de mundialização, que então tomava forma através do modelo capitalista neoliberal. Seu uso apontava para o fato de que nesta nova organização do capitalismo, nenhuma atividade humana ou setor de produção estaria fora de seu controle.

sustentação do próprio sistema capitalista por meio de uma economia de desejos e comportamentos.

De todo modo, apesar de um ímpeto totalizante, essas forças hegemônicas encontram resistências no campo social, ou mesmo sofrem deslocamentos e reapropriações em determinados contextos, possibilitando a criação de territórios subjetivos alheios a esses modos padronizados. Práticas de resistência provocam tensões e desvios no modo-indivíduo de produção de subjetividade (BARROS, 2009), permitindo a criação de outras formas de sensibilidade e relação com o outro. São os chamados processos de singularização que de alguma forma parecem ter lugar no contexto dos pré-vestibulares comunitários. Por isso, nosso interesse se concentra na dimensão transformadora dessas instituições, capazes de multiplicar suas ações na medida em que afetam seus alunos, articulando formas de pertencimento e coletividades, o que os impulsiona para a ação política. Assim, os cursos pré-vestibulares comunitários se tornaram um espaço potencial para se interrogar os modos com que a juventude se engaja no campo político atualmente.

Uma primeira incursão por esse campo se deu através de uma pesquisa de Iniciação Científica com a intenção de problematizar as relações que os jovens estudantes destes cursos estabeleciam com as perspectivas de ingresso no ensino superior. As representações sobre a entrada no espaço universitário, assim como os modos com que estes cursos realizavam a discussão sobre as chamadas políticas de democratização do acesso, serviram como disparadores para a pesquisa que gerou a monografia intitulada “Juventude e política: pesquisa e extensão em um pré-vestibular comunitário”⁶ (Barrouin, 2009). Nesta investigação preliminar, realizamos um levantamento e uma análise de notícias em jornais impressos (*O Globo*, *O Dia* e *Extra*) sobre o ProUni⁷ e a política de cotas⁸, ambas responsáveis por interferir diretamente nos mecanismos de acesso

⁶ BARROUIN, A. W. Juventude e política: pesquisa e extensão em um pré-vestibular comunitário. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2009.

⁷ O Programa Universidade para Todos foi criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005. Seu objetivo é conceder bolsas de estudos integrais e parciais em instituições privadas de ensino superior, oferecendo em contrapartida, a isenção de alguns tributos para as universidades conveniadas. Atualmente, o ingresso no programa se faz através do ENEM – Exame Nacional do ensino Médio.

⁸ Nas universidades, a adoção de reserva de vagas começa através da UERJ no ano de 2000, por meio da aprovação da lei estadual 3.524/00, de 28 de Dezembro do mesmo ano. Esta lei garante a

às universidades. Este levantamento foi realizado por um período de três meses, com a intenção de nos aproximar da discussão presente na grande mídia sobre a democratização do acesso ao ensino superior no Brasil⁹. Mídia essa que, como nos sugere Guattari (2007), opera de forma potente enquanto máquina de subjetivação com seus modos de semiotização coletiva.

Durante este mapeamento dos discursos e das produções de sentidos nos jornais, o conceito *enacting* (LAW & URRY, 2002) também serviu como um recurso metodológico importante para o trabalho, pois permitiu entender que o jornal “faz existir” realidades ao se pronunciar sobre o mundo, operando como importante vetor nos processos de produção de subjetividade (GUATTARI & ROLNIK, 2007). Esse conceito parte originalmente do entendimento da realidade enquanto produção social, proveniente das práticas e dos acordos linguísticos que se estabelecem num dado momento histórico. Os processos que envolvem o texto jornalístico – elaboração, distribuição e leitura - são percebidos enquanto práticas sociais que, em nosso caso específico, ampliam a rede de atores conectados em torno das políticas públicas destinadas a educação superior. Sujeito e objeto são afetados e construídos mutuamente, não mais figurando como entidades fechadas ou essencialmente distintas, o que nos permite esboçar um entendimento do papel político-social desempenhado pelo jornal sobre este tema. Assim como os jornais fabricam determinadas realidades ao se pronunciar sobre os assuntos, a contribuição teórica dos autores com o termo *enacting* aponta o caráter performativo das metodologias de pesquisa, capazes de produzir efeitos sobre os objetos que investigam, ajudando também a “fabricá-los” no mundo.

reserva de 50% das vagas nas universidades estaduais do Rio de Janeiro, para estudantes das redes públicas municipal e estadual de ensino. Esta lei passou a ser aplicada no vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Em 2001, a lei 3.708/01 instituiu o sistema de cotas para estudantes denominados negros ou pardos, com percentual de 40% dentre as vagas reservadas nas universidades estaduais do Rio de Janeiro. Esta lei passa a ser aplicada no vestibular de 2002 da UERJ e da UENF. Desde então, esse política tem se expandido pelo Brasil em instituições públicas de ensino superior, gerando amplo debate sobre direitos, cidadania e racismo no país.

⁹ Esse trabalho foi apresentado no XVI Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio, sob o título “**Políticas públicas para o ensino superior e suas representações midiáticas: analisando a produção de sentidos e o papel político-social dos jornais**”. Uma versão modificada deste texto conquistou o primeiro lugar, categoria Estudante, do II Prêmio Margarete de Paiva Simões Ferreira 2009 - "Experiências em Psicologia e Políticas Públicas", promovido pelo Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro.

O olhar sobre a cobertura jornalística destas medidas deflagrou um campo de disputas políticas importante, apontando para dois elementos principais na “fabricação” dos fatos: a presença majoritária da política de cotas raciais como pauta nas páginas do jornal – na maior parte das vezes apresentando posicionamentos contrários a medida, materializada como uma solução equivocada – e a ausência de representatividade do discurso dos próprios cotistas sobre essa política, ou mesmo dos possíveis candidatos a ela, tais como os alunos de pré-vestibulares comunitários.

Estes elementos tornaram ainda mais necessária a realização de uma investigação com os jovens destes cursos, e o material levantado possibilitou uma estratégia metodológica para iniciar uma entrada no campo. Com a intenção de afetá-los a partir da leitura de algumas daquelas notícias, que os desconsideravam enquanto atores ativos da questão, realizamos duas oficinas “piloto” no curso pré-vestibular comunitário Invest, visando um primeiro contato com os sujeitos da nossa pesquisa e ensaiando nossa abordagem metodológica. As oficinas tinham como objetivo desencadear uma discussão a partir da leitura de três notícias que tratavam do tema das cotas raciais, medida de maior polêmica e que possibilitava uma reflexão mais ampla sobre essa modalidade de política pública. Pretendíamos com isso seguir as apropriações e negociações que os alunos realizavam sobre um tema extremamente pertinente para a condição que ocupavam, interrogando de que maneira essas questões circulavam na instituição e se havia espaço para discuti-las.

Essas atividades foram registradas em vídeo, inicialmente com um objetivo maior do que simplesmente registrar as falas e a dinâmica das oficinas. A própria câmera era vista por nós como um ator significativo naquele espaço. Mais do que um recurso para capturar os depoimentos ou “verdades” sobre o assunto – em um processo que Moraes (2008) denomina de *extorsão de testemunhos* – percebíamos que o que se fazia mais importante era a criação de condições adequadas para que um determinado campo discursivo se constituísse. A consciência da existência de um interlocutor desconhecido em potencial por trás da lente da câmera criava condições de fala significativas para aquela temática. As falas poderiam reverberar para além do momento presente, e ao serem enunciadas, endereçavam-se não apenas ao pesquisador e demais sujeitos situados naquele espaço circunscrito, oferecendo uma autonomia às imagens. A possibilidade do registro

áudio-visual difundir aquela narrativa buscava responsabilizar o falante, fazendo de seu discurso um ato político, que ocupava a lacuna de sentidos encontrada no levantamento das notícias¹⁰.

Buscávamos através das oficinas a criação de uma produção compartilhada de sentidos. Havia naquela altura um desejo ainda difuso de produzir um documentário relativo ao universo de pré-vestibulares comunitários, influenciado em grande medida pelo filme “Pro dia nascer Feliz”¹¹. A construção desse filme se baseou no discurso dos jovens a respeito de suas experiências educacionais e trouxe a tona uma diversidade de questões sociais contemporâneas. Pouco tempo depois de seu lançamento, o filme era exibido em diferentes espaços de formação no campo da Psicologia, incluindo a comemoração do dia do psicólogo¹² no ano 2007. Segundo Solange Jobim em entrevista com o diretor:

este filme convida o espectador não apenas a pensar, mas a se sentir cúmplice, ou melhor, desejar entrar em cena. Estar na cena aqui não é, com certeza, recontar a mesma história, mas, ao contrário, perceber o quanto precisamos atuar para mudar a história da educação no Brasil. (...) com o sentimento de que é preciso entrar em cena na vida e continuar o debate falarmos não sobre o filme propriamente, mas sobre o que esse filme permite enxergar da vida que flui nas escolas deste imenso país, submerso em contradições. (...) Indaguei se o processo de realização deste documentário não poderia ser comparado à tarefa do pesquisador em ciências humanas. Ou seja, será que o diretor João Jardim, concluídas as filmagens não se deparou com surpresas, com histórias imprevisíveis que poderiam até mudar o foco das questões planejadas, mesmo que o roteiro contasse com um fio condutor preciso?¹³

A força daquela produção, utilizada como ferramenta de formação política que ampliava os debates sobre educação, apontava possíveis caminhos metodológicos para a continuação dessa pesquisa no âmbito do mestrado. Naquela

¹⁰ A metodologia de pesquisa através do uso de tecnologias audiovisuais vem sendo desenvolvida, desde 1998, no GIPS - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade, Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Ver: <http://www.gipspucRio.org/>

¹¹ Dirigido por João Jardim e lançado em 2006, o filme abordava situações enfrentadas na escola por jovens brasileiros de diferentes classes sociais e realidades geográficas, envolvendo preconceito, precariedade, violência e esperança.

¹² Evento promovido pelo CRP-RJ no dia 27 de Agosto de 2007 no Instituto Phillipe Pinel.

¹³ Trecho da entrevista hospedada no Link: http://www.psicologia.ufrj.br/nipiac/index.php?option=com_content&view=article&id=101:como-fazer-o-dia-nascer-feliz-conversa-entre-joao-jardim-e-solange-jobim-e-souza&catid=20:artigos-publicados-no-site&Itemid=28

altura, outra pesquisa de mestrado realizada no GIPS¹⁴ fazia uso da câmera como estratégia metodológica, gerando além da dissertação¹⁵ o vídeo documentário “Próxima Parada: Juventude”¹⁶. Algumas estratégias com o uso da câmera neste trabalho foram repensadas a partir do contato com as imagens das oficinas do Invest, episódio que retomaremos ao longo do trabalho na condição de *mal entendido promissor*¹⁷ (MORAES, 2008), possibilitando inclusive uma revisão das escolhas metodológicas para o presente trabalho.

No primeiro capítulo, realizamos uma reflexão sobre o surgimento dos pré-vestibulares comunitários enquanto movimento social, buscando pensar o contexto em que surgiram, suas principais iniciativas e a diversidade de questões que atravessam suas práticas. Após esse levantamento, procuramos entender essas instituições enquanto espaços de produção de subjetividade, amparados na discussão teórica de Félix Guattari sobre este conceito.

No segundo capítulo, propusemos uma discussão sobre a metodologia que situa este trabalho no campo da pesquisa-intervenção (KASTRUP, 2008; Jobim e Souza; Salgado, 2008), entendendo que nossa presença no campo tem consequências sobre o discurso dos nossos sujeitos de pesquisa. O método da cartografia de Deleuze e Guattari foi a principal referência para nossa construção metodológica. O ato de seguir as pistas encontradas pelo campo envolveu a participação cotidiana e interativa nos diferentes espaços dos cursos (reuniões, aulas, atividades externas e outros), permitindo uma abordagem de estudo sobre a dimensão processual da subjetividade, que envolve as implicações do próprio pesquisador no seu trabalho de campo. Ao final apresentaremos uma espécie de prólogo da pesquisa de campo. Pretendemos com isso, mostrar a opção pela saída

¹⁴ Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade.

¹⁵ SALOMÃO, C. Dissertação de Mestrado. Violência urbana e vulnerabilidades: o discurso dos jovens e as notícias de jornais. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

¹⁶ Ver em: www.gipspurio.org

¹⁷ Acontecimento no campo de pesquisa que provoca tensões na relação com o outro, permitindo uma revisão da postura do pesquisador no campo e das estratégias metodológicas. Mas do que um erro, o *mal entendido promissor* permite novas versões daquilo que o outro pode fazer existir em uma relação de pesquisa, ou seja, cria as condições para uma nova versão possível do acontecimento.

do Invest, assim como o não seguimento da pesquisa no PVNC¹⁸, evidenciando as escolhas feitas ao longo do processo que nos levaram a habitar a AMV¹⁹ enquanto território de pesquisa.

No terceiro capítulo, apresentamos a proposta da construção do documentário²⁰ como estratégia de pesquisa, partindo do objetivo de colocar pesquisador e os sujeitos de pesquisa como co-autores de um texto imagético. Considerando a importância das imagens na contemporaneidade, que através de diferentes formatos – outdoors, computadores, televisão, cinema, fotografia – passam a fazer parte das experiências cotidianas na sociedade, mostrou-se interessante uma aposta metodológica nesta direção (JOBIM e SOUZA, 2011). Retomando a discussão de Guattari sobre a subjetividade, apontamos o caráter central da produção áudio visual na modelização das formas de existir. Entretanto, essas máquinas de produção de subjetividade permitem apropriações singulares, criando formas de vida que provocam rupturas com *valores capitalísticos*. Esta etapa envolveu encontros com alguns membros da AMV para a construção dos passos necessários para a produção do filme, incluindo a construção do argumento e a elaboração do roteiro.

No quarto capítulo, apresentamos fragmentos dos diários de campo, articulados com trechos das entrevistas filmadas, com o intuito de pensar a AMV enquanto espaço de produção de subjetividade. As diversas questões suscitadas no campo foram postas em diálogo com algumas categorias relativas ao movimento de pré-vestibulares comunitários, permitindo entendimentos sobre as práticas na AMV a partir do conceito de pré-universitário.

Nas considerações finais, mais do que apontar para um esgotamento da temática, pretendemos refazer brevemente o percurso realizado na pesquisa. O inacabamento do documentário acaba refletindo um pouco a condição deste texto, apontando para importância da passagem da ideia de pré-vestibular comunitário para pré-universitário.

¹⁸ Pré-Vestibular para Negros e Carentes

¹⁹ Associação Mangueira Vestibulares.

²⁰ O documentário “Resistência dos Vaga-lumes”, gerado através desta pesquisa, estabelece uma relação de co-engendramento com a presente dissertação, sendo indispensável assisti-lo para uma maior aproximação com este texto.